

4

Um Sonho Possível...

Uma vida é curta para mais de um sonho (Paulo Leminski)

Neste trabalho nos dispomos a analisar a prática pedagógica desenvolvida no Espaço Criarte Mariana Crioula, na relação determinada/determinante face à produção do espaço da Ocupação Manoel Congo. Compreendemos que tal prática está condicionada por determinadas conjunturas espaço-temporais, sincrônica e diacronicamente. Isso quer dizer que as práticas hoje desenvolvidas são resultado de um longo processo civilizatório, vinculado à modernidade, ao surgimento e difusão do modo de produção capitalista e a um modelo de desenvolvimento a ele relacionado. Mas também está ligado a temporalidades de atores sociais diversos (movimento popular, Estado, grandes corporações, rentistas e especuladores fundiários, etc) que ao mesmo tempo configuram uma realidade socioespacial específica, de ação multi e transescalar.

A ocupação Manoel Congo é ao mesmo tempo produto e reação do modelo de desenvolvimento hegemônico da cidade mercadoria. É produto como resultado da precarização da vida urbana (déficit habitacional, problemas relacionados à (i) mobilidade urbana, violência, etc), fruto de um modelo de cidade cada vez mais voltada para a reprodução ampliada de capital, no qual o próprio espaço urbano torna-se uma das mercadorias privilegiadas do atual processo de acumulação. Também é reação quando algumas centenas de trabalhadores urbanos resolvem tomar protagonismo de suas vidas, mesmo que por alguns momentos, e se incorporam a um projeto coletivo e ocupam um espaço que, dentro da ordem estabelecida, não deveria ser apropriado por eles.

Evidentemente o processo de luta e resistência que resulta na Ocupação não se resume aos seus moradores. Está inserido numa estratégia mais ampla da luta da classe trabalhadora, em um movimento popular de abrangência nacional, o Movimento Nacional de Luta pela Moradia, que busca em sua missão conciliar as demandas mais imediatas da classe trabalhadora e um horizonte de superação radical da sociedade capitalista. Entendemos que essa dupla missão é construída dentro das ocupações do movimento, atrelando a construção de espaços de

autonomia, onde há o estímulo e valorização do sujeito coletivo, à luta mais ampla pela reforma urbana e direito à cidade.

É nesse contexto que surge o ECMC como proposta de construção de um projeto pedagógico coletivo, no qual se compreende os indivíduos da comunidade como responsabilidade de todos, principalmente as crianças e adolescentes. Dentro desse espaço, a concepção e a prática pedagógica são mediadas, em seu cotidiano, por relações de poder entre as práticas e representações hegemônicas e o caráter subversivo e transformador de sua proposta.

A crítica à teoria das representações do filósofo Henri Lefebvre foi fundamental para compreendermos tais relações de poder. Para o autor, as representações são mediações entre a concepção ideal e o real e, como tais, não podem ser consideradas nem verdadeiras nem falsas, mas ambas ao mesmo tempo. Servem como uma cortina de fumaça que esconde as contradições inerentes à sociedade de classe e contribui para a reprodução da mesma, por outro lado propõe horizontes de transformação, rumo a uma nova realidade possível.

As atividades no Criarte deixam evidente esse duplo caráter das representações. As práticas e representações do espaço escolar com pouca ou nenhuma vinculação com a vida concreta das classes populares, a família privada e privativa, a relação entre individualismo e egoísmo, tão característicos da sociabilidade burguesa, dificultam qualquer projeto de educação coletiva. Por outro lado, faz parte do nosso cotidiano pensar e construir novas representações que deslumbrem a possibilidade de um novo mundo, fato explícito nos produtos das atividades, falas e atitudes das crianças.

A vida cotidiana em um espaço específico como a Ocupação Manoel congô influencia de forma determinante a prática pedagógica do ECMC. Partindo da noção de espaço socialmente produzido, meio e condição para a reprodução da sociedade, podemos compreender a ocupação por meio das contradições entre produto e obra, criação e reprodução. Assim, a partir da tríade lefebvriana de percebido-concebido-vivido, compreendemos a prática pedagógica do ECMC como um instrumento de construção do espaço vivido, na qual o indivíduo saia do automatismo da concepção hegemônica e construa uma consciência que possibilite a resistência e a transformação.

Nesse processo, a luta pela reforma urbana ganha caráter central. O urbano é o lócus da reprodução da vida cotidiana, e, por isso, centro das contradições da sociedade capitalista. Não que as contradições originadas nas relações de produção foram superadas, muito pelo contrário, somam-se a elas os problemas eminentemente urbanos, como a (i)mobilidade, déficit habitacional, violência, privatização dos espaços públicos, etc.

Vimos ao longo do trabalho que o ECMC tem cumprido com o papel de fomentar novas formas de representação da cidade, muito mais vinculada à reprodução da vida do que à necessidade do lucro. Além do mais, formamos crianças que questionam o modelo de cidade vigente e que constroem novas perspectivas de ação.

Dentre os desafios do ECMC, e porque não de todo o MNLM, está o de construir as bases de edificação do poder popular, em que os indivíduos das classes populares tornem-se protagonistas de suas vidas. Nesse sentido, resgatamos o desenvolvimento e a autonomia como referencial ético e político norteador de toda a prática pedagógica do Criarte.

Para dar conta de tais desafios, é necessário refletir sobre os limites e as possibilidades da ação. Este trabalho buscou iniciar essa reflexão que, longe de ter uma resposta conclusiva, serviu para suscitar novas questões e horizontes. O ECMC é a busca de um sonho, a construção da autonomia, da emancipação humana. Nas palavras do professor Paulo Freire,

Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina (1984, p.101).